

O MUNDO MENOS SOMBRIO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Jornal de Resenhas n.1, março 2009: 6-7.
Resenha de José Luís Fiori, Carlos
Medeiros e Franklin Serrano (2008) *O
Mito do Colapso do Poder Americano*,
Rio de Janeiro: Editora Record. Janeiro,
2009.

É raro um livro com ensaios sobre a economia e a política do mundo contemporâneo tão original e instigante como este. José Luís Fiori escreve sobre o sistema interestatal ou internacional no início do século XXI; Franklin Serrano, sobre a força da economia americana e do “dólar flexível”, e Carlos Medeiros compara o crescimento da China e a retomada do crescimento russo. O elo entre os três ensaios justifica o título do livro: a rejeição da tese de que o poder americano estaria em colapso. Cada um dos ensaios, entretanto, tem vida própria, e mereceria uma resenha especial.

O trabalho de Franklin Serrano é uma tentativa original de demonstrar, primeiro, que os déficits em conta corrente nos Estados Unidos não estão enfraquecendo o dólar, e, segundo, que a causa da crise financeira atual não está na incapacidade da economia americana de atender à demanda interna que esses déficits revelariam, mas na sua desregulamentação excessiva. Já o trabalho de Carlos Medeiros salienta a diferença entre a transição russa e a chinesa para o capitalismo, a primeira começando pela abertura política (e a subordinação internacional) que resultará em profunda depressão econômica, e a segunda, pela abertura econômica decidida com autonomia que se transformará em espetacular êxito.

Nesta resenha, entretanto, vou me concentrar no ensaio de Fiori porque é o que está mais diretamente relacionado com o título do livro – e também porque trata de um tema mais abrangente, a política e a economia das relações internacionais entre os grandes países.

A tentação do leitor do ensaio de Fiori, “O sistema interestatal capitalista no início do século XXI”, é a de discutir a tese do “colapso do poder americano” – a tese que está no

título do livro – e, portanto, aceitar que o objetivo seja realmente criticar esse mito. Não dedicarei tempo a esse problema porque está claro que Fiori criou um espantalho para depois arrasá-lo. Não conheço nenhum analista sério que defenda a tese de que o poder americano entrou em colapso. Nem mesmo depois que a atual crise financeira global se desencadeou nos Estados Unidos, vi pensadores respeitáveis defender essa tese. Muitos vêm afirmando já há algum tempo que a hegemonia americana, que nos anos 1990 havia chegado ao auge, nos anos 2000 entrou em declínio. E há um razoável consenso sobre suas causas: o fracasso no Iraque e no Afeganistão, o fracasso do consenso de Washington em promover o desenvolvimento, o fracasso das teses neoliberais de que os mercados são auto-regulados e que o Estado deve ser mínimo, e o êxito no plano econômico dos demais países concorrentes, principalmente da China, da Índia, e, mais recentemente, da Rússia.

A hegemonia total dos Estados Unidos foi breve – em parte porque seu governo foi incompetente, em parte porque já não há mais espaço para imperialismo explícito no capitalismo global. Mas isto não significa que o poder americano tenha entrado em colapso. Os Estados Unidos continuam a ser, de longe, o grande poder militar e ideológico que existe no mundo. Sua participação no PIB mundial baixou, mas isto era inevitável. Na medida em que os países menos desenvolvidos conservassem ou alcançassem autonomia nacional, a teoria econômica previa que os países atrasados deveriam realizar o *catching up* e gradualmente convergir para seu nível de renda. Foi o que ocorreu, em um primeiro momento, no após Segunda Guerra Mundial, com os países europeus e o Japão, e, um pouco mais tarde, com diversos países asiáticos. Não obstante, a economia americana continua a representar quase 25% da produção mundial.

O ensaio de Fiori, entretanto, traz muito mais do que a simples crítica de um mito discutível. Traz uma grande e sombria visão do mundo em que vivemos – uma visão caracterizada pela competição e pela guerra entre as grandes potências. Uma visão geopolítica coerente internamente e pessimista. Uma visão que rejeita qualquer idéia de progresso – que implique o gradual e acidentado avanço das nações em direção a um maior bem estar econômico, a uma menor desigualdade de renda e de direitos, a uma crescente liberdade, e a uma maior consciência dos riscos ambientais. Uma visão que, nega a possibilidade do avanço da humanidade na direção da paz mundial; que rejeita a possibilidade de que a guerra entre grandes países vá deixando de fazer sentido econômico e político.

Universo em expansão

Fiori afirma que só é possível falar de grandes crises, ciclos e tendências mundiais a partir de uma teoria que relacione e hierarquize os fatos. Rejeita as teorias existentes, principalmente a “teoria dos ciclos hegemônicos”, e oferece sua “teoria do universo em expansão e da expansão explosiva”. Segundo essa teoria, o mundo, desde o século XIII, é um “universo em expansão”, e nesse processo é possível distinguir quatro “momentos” nos quais ocorre uma “pressão competitiva”, que, mais adiante, resulta em uma “expansão explosiva.

Ainda que o autor fale de universo, os três primeiros momentos ocorrem na Europa. O primeiro momento foi o de 1150-1330, provocado pelas invasões mongóis, as Cruzadas e a intensificação das guerras, e resulta no surgimento dos estados nacionais na Europa. O segundo ocorre entre 1450 e 1650, a partir da pressão causada pela expansão do Império Otomano e do Império Habsburgo, e pelas guerras da Espanha com a França, os Países Baixos e a Inglaterra, e dá origem à “explosão” representada pela formação de um sistema mundial de estados.

O terceiro momento ocorre entre 1719 e 1914; é causado pela expansão competitiva da Inglaterra e da França, pelo nascimento dos estados americanos, e pelo surgimento de três novas potências (Estados Unidos, Alemanha e Japão); e resulta na expansão explosiva representada pela “corrida imperialista”. Finalmente, no quarto momento, em curso a partir de 1970, a pressão competitiva é causada pela “estratégia expansionista e imperialista dos Estados Unidos”, pela multiplicação dos estados soberanos, e pelo crescimento vertiginoso dos países asiáticos, principalmente a China.

Que previsão se pode fazer em relação a este último momento? Fiori responde: “É possível prever uma nova ‘corrida imperialista’ entre as grandes potências, e uma gigantesca expansão desse ‘universo mundial’”. Em outras palavras, e deixando mais clara a probabilidade de novas guerras, hoje: “o sistema mundial é um ‘universo em expansão’ contínua, onde todos os estados que lutam pelo ‘poder global’ – em particular a potência líder ou hegemônica – estão sempre criando, ao mesmo tempo, ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra”. Qual poderá ser a abrangência das guerras previstas? Poderemos ter uma nova guerra mundial? Ou mais de uma guerra entre grandes potências? O autor não se arrisca nesse ponto, mas toda a lógica de sua exposição é a de que essas hipóteses são possíveis senão prováveis.

É discutível que esse esquema apresentado por Fiori seja realmente uma teoria, porque lhe falta o fator endógeno que explique o processo histórico. A não ser que consideremos a competição entre os países esse fator. De fato, essa competição – que é um elemento econômico e político fundamental das sociedades capitalistas – expressou-se em guerras desde o século XIII até a primeira metade do século XX. Se se tratar disto, porém, confunde-se o que explica com o que se quer explicar, já que se está explicando com guerras e com pressão competitiva as guerras e a pressão competitiva. Uma alternativa seria entender que o que se quer explicar é o surgimento de novo hegemôn, mas nesse caso voltamos à teoria dos ciclos hegemônicos que Fiori rejeita.

Deixemos, porém, de lado a discussão de se a “teoria do universo em expansão e da expansão explosiva” que Fiori apresenta formalmente é ou não uma teoria. O fato é que sua análise tem por trás um pressuposto teórico – a teoria “geopolítica do século XIX” segundo a qual a história humana é a história de estados-nação que fazem continuamente alianças e guerras com seus vizinhos com o objetivo de aumentar suas fronteiras ou garantir seu acesso exclusivo a recursos naturais – uma teoria associada à “teoria realista” da diplomacia do equilíbrio de poderes; uma teoria que explica o “imperialismo industrial” que caracterizou a ação da Inglaterra e da França no século XIX; mas que não tem qualquer explicação para o fato de que desde a experiência desastrosa que representou a Segunda Guerra Mundial as grandes potências não travaram mais guerras. Durante a Guerra Fria ainda se ameaçaram, mas desde seu fim cessaram as ameaças.

Fiori não compreendeu que a geopolítica ou a diplomacia do equilíbrio de poderes e a prática do imperialismo explícito deixaram de fazer sentido devido a uma série de fatos históricos novos. E não é surpreendente que não tenham compreendido porque a própria potência hegemônica do nosso tempo – os EUA – não compreendeu que essa perspectiva está ultrapassada. Fiori não se dá conta que essa abordagem das relações internacionais não tem mais espaço no mundo do pós-colonialismo, da globalização, do sistema político global e da democracia em que vivemos hoje. Não percebe que a perda rápida da condição de hegemôn total por parte dos Estados Unidos não decorreu apenas do fortalecimento de outras grandes e médias potências, mas também do fato de que as elites dos Estados Unidos não se deram conta de que fatos históricos novos impõem uma nova lógica para as relações internacionais.

Revolução capitalista

Para compreendermos o que está acontecendo no mundo devemos, primeiro, ter claro que a “grande expansão” que Fiori identifica na Europa a partir do século XIII, é, na verdade, a Revolução Capitalista – a transformação tectônica que deu um impulso e um sentido completamente novo à história humana. É esta revolução, na sua forma inicial mercantil, que começa nas cidades-estados italianas, e, afinal, é liderada pelo primeiro estado-nação ou país a se constituir como tal, a Inglaterra, que foi o primeiro país a completá-la com a realização da sua revolução industrial.

Depois disso, o nível de atraso econômico será medido pelo tempo em que cada país fará sua própria revolução capitalista e industrial. A Espanha, por exemplo, que constitui no século XVI um “império mercantil”, atrasa-se na sua revolução industrial que só foi realizada no século XX. A China, por sua vez, que era o grande “império clássico” existente antes da Revolução Capitalista, ficou para trás no século XVIII e, no século XIX, foi submetida ao imperialismo industrial, de forma que só a partir da Segunda Guerra Mundial, quando inicia sua revolução nacional e industrial, é que começa a recuperar o atraso e desponta como potência mundial.

Os novos fatos históricos que, durante o século XX, tornaram ultrapassada a geopolítica oitocentista, são pelo menos quatro: (a) a transição, nos países mais desenvolvidos no final do século XIX, do Estado liberal para o democrático e a gradual legitimidade exclusiva da democracia como regime político; (b) a partir da Segunda Guerra Mundial, a inviabilização econômica do imperialismo industrial causada pelo aumento da repulsa dos povos colonizados à condição de colônia; (c) começando na mesma época, a formação de um “sistema político mundial” encabeçado pelas Nações Unidas; e (d) a globalização – ou seja, o estágio do capitalismo em que todos os mercados são abertos e a lógica capitalista da mercadoria com valor de troca se impõe universalmente.

As conseqüências desses quatro fatos históricos novos são, em primeiro lugar, que não existe mais espaço para o imperialismo e para a geopolítica baseados na violência que vimos no Iraque ou vemos na Somália. A exploração econômica dos países da periferia através da associação com as elites locais permanece, naturalmente, viável ou lucrativa na medida em que é legitimada pelo *soft power* ou dominação ideológica. A estratégia clássica da geopolítica de garantir acesso exclusivo a recursos naturais na periferia do capitalismo, entretanto, já não faz sentido não apenas porque é custosa, mas também

porque, com a globalização, todos os mercados estão abertos, e é inimaginável que um país recuse vender a outro, por exemplo, petróleo ao preço de mercado.

Resulta ainda daqueles fatos que a guerra entre grandes países não faz mais sentido. Sei que a esperança em um mundo sem grandes guerras já decepcionou muitos analistas ingênuos, mas é preciso considerar os fatos históricos novos. A guerra fazia todo sentido no período pré-capitalista, quando a apropriação do excedente econômico dependia da guerra aos povos vizinhos. No longo período de formação dos estados nacionais ou da diplomacia do equilíbrio de poderes, entre os séculos XVI e XX, a guerra entre grandes países continuou a fazer sentido. Nesses quatrocentos anos já era possível às elites se apropriarem do excedente econômico via lucro no mercado, mas era preciso, antes, assegurar a existência de um mercado amplo e seguro onde realizar esse lucro – e isto só foi possível através de guerras que definiram as fronteiras dos estados nacionais. No século XX, as guerras entre grandes países já não faziam sentido porque todas as fronteiras já estavam basicamente definidas. Daí a profunda irracionalidade da guerra em duas etapas, 1914-45. Daí a criação das Nações Unidas, a formação da União Européia.

Hoje, podemos prever guerras localizadas entre pequenos países pobres, especialmente na África. E, apesar do desastre iraquiano, as grandes potências poderão, embora com um custo cada vez maior, fazer guerras imperiais localizadas. Independentemente do argumento da dissuasão nuclear, portanto, não é razoável prever novas guerras mundiais. Nem o imperialismo militar que submete formalmente um país à condição de colônia nem as guerras entre grandes países, portanto, deverão ocorrer. O imperialismo econômico continuará forte – ainda que com retornos decrescentes na medida em que os países em desenvolvimento superem sua própria dependência.

A grande competição entre os estados nacionais não é mais militar mas econômica, e pode ser resolvida no plano econômico. A tentativa de resolvê-la no plano militar é incompatível com a lógica não apenas do capitalismo global, mas principalmente da democracia e do sistema político global que as nações democráticas construíram no século XX.

Prever, por exemplo, que a Rússia volte a fazer guerras para recuperar seu império, como sugere Fiori, é irrealista. A Rússia fez uma intervenção militar na Geórgia, na

região da Ossétia onde há uma maioria étnica russa ou ossetiana, mas não irá além de intervenções limitadas desse tipo, como também os Estados Unidos não intervirão militarmente na América do Sul; continuarão a intervir de outras maneiras. O mundo está longe de ser róseo; a violência está em toda parte; muitos povos pobres ainda precisam fazer suas verdadeiras revoluções nacionais, mas o mundo sombrio, geopolítico, de José Luís Fiori é algo antes do passado do que do presente.